



TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO VERBETE *GÊNIO* DE VOLTAIRE

Genius

Tradutora

Kamila Babiuki*

Resumo: Tradução do verbete *Gênio*, de Voltaire, publicado originalmente nas *Questões sobre a Enciclopédia* em 1771. Dividido em duas seções, o conteúdo do texto se apresenta em três partes. Na primeira, Voltaire faz um apanhado histórico e etimológico do termo ‘gênio’, remontando ao seu uso entre os gregos e romanos, até chegar no significado corrente para o século XVIII. Em seguida, o filósofo associa o homem de gênio àquele que é autor de uma grande invenção, ou seja, de uma invenção genial. Em um último momento, Voltaire propõe que a invenção saída das mãos do homem de gênio, quando aprimorada, se mostra mais útil e mais próxima das pessoas em geral, o que, porém, não desqualifica ou retira o valor do caráter inventivo do homem de gênio.

Palavras-chave: Gênio. Iluminismo. Voltaire.

Abstract: Translation of the article *Genius*, by Voltaire, originally published in the *Questions sur l'Encyclopédie* in 1771. Divided in two sections, the contents of the text is presented in three parts. In the first one, Voltaire makes a historical and etymological overview of the word ‘genius’, going back to its use among the Greeks and the Romans, until arriving on its current meaning in the 18th century. After that, the philosopher associates the man of genius to the author of a great invention. Lastly, Voltaire proposes that the invention that comes from a man of genius, when developed, shows itself more useful and closer to general people, what, however, does not disqualify or takes away the value of the inventive character from the man of genius.

Keywords: Gênio. Iluminismo. Voltaire.

* Mestranda tripartite em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Université de Rennes 1 – França -, e Université de Sherbrooke – Canadá. Desde 2014, membro do *Grupo de Estudo das Luzes*, coordenado pelo Prof. Dr. Rodrigo Brandão. E-mail: k.babiuki@gmail.com.

Apresentação da tradução do verbete *Gênio*, de Voltaire

O verbete, cuja tradução é agora apresentada em português, apareceu originalmente nas *Questões sobre a Enciclopédia*, escrita entre os anos 1770 e 1774, obra volumosa e pouco conhecida pelo público contemporâneo. Na década seguinte, alguns verbetes desse livro passaram a fazer parte do *Dicionário filosófico*, cuja primeira edição apareceu em 1764¹. Poderíamos nos perguntar, então, qual a importância de traduzir separadamente um único verbete, que data de 1771, de uma obra tão ampla como é o caso das *Questões sobre a Enciclopédia*. Essa pergunta se torna ainda mais importante pelo fato de haver traduções parciais para o português do *Dicionário filosófico*, na quais o verbete *Gênio* não é contemplado². A resposta pode ser encontrada no fato de que, para o Século das Luzes, a discussão em torno do gênio é, junto com a querela do luxo e do teatro, um ponto fundamental para entender a filosofia iluminista. Para confirmar a importância da temática do gênio, basta termos em mente a quantidade de autores que tomaram da pena para discutir esse assunto. Denis Diderot, Jean-Jacques Rousseau e Jean-Baptiste Dubos, além de filósofos ingleses, como David Hume e Francis Hutcheson, são apenas alguns dos exemplos de pensadores que o abordam. Talvez a obra mais expressiva sobre o gênio sejam as *Réflexions critiques sur la poésie et la peinture*, de 1719, escrita pelo Abade Dubos – autor citado indiretamente no texto de Voltaire – e cuja segunda parte quase inteira é dedicada a definir e discorrer sobre aquele tema.

Sobre a gênese do verbete, vale dizer que ele seria publicado na *Enciclopédia*, como mostra uma carta de Voltaire a d'Alembert datada de 9 de dezembro de 1755. Nela, Voltaire se propõe a escrevê-lo, mas teria voltado atrás de sua decisão em seguida. O diálogo entre os colaboradores da *Enciclopédia* e Voltaire é algo notável na leitura dos verbetes. Ele começa com o próprio título: *Questões sobre a Enciclopédia*. Além disso, na abertura de sua segunda seção, por exemplo, Voltaire menciona o “grande dicionário”, a saber, a *Enciclopédia*, dizendo que depois da grandiosidade daquilo que fora escrito sobre a temática do gênio, não lhe restaria muito mais a dizer. Esse elogio, porém, mais cortês do que verdadeiro, responde a uma menção prévia de Saint-Lambert, autor do verbete *Gênio* presente na parte de Filosofia e Literatura daquele dicionário, do qual já se tem hoje uma versão em português³. Quando da definição do gênio, Saint-Lambert diz: “É melhor sentido do que conhecido para o homem que o quer definir: ele teria o trabalho de falar de si mesmo. E esse artigo, que não cabia a minha ter feito, deveria ser a obra de um

¹ A presente tradução foi estabelecida a partir de VOLTAIRE, « Génie », in : *Dictionnaire philosophique – Tome V*, org. M. Beuchot, Paris: Lefèvre, 1829, pp. 31-36.

² Existem algumas edições em língua portuguesa do mesmo texto. Escolhemos duas para fazer referência: VOLTAIRE, *Dicionário filosófico*, trad. Libero Rangel del Tarso, Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. 210 p.; VOLTAIRE, *Dicionário filosófico*, in: Pensadores: Voltaire, trad. Marilena Chauí, Bruno da Ponte e João Lopes Alves, São Paulo: Abril Cultural, 1978. 328p.

³ Contamos hoje com uma tradução dos principais verbetes da *Enciclopédia* para o português – um total de 298 verbetes organizados em 5 volumes. O verbete *Gênio* consta entre eles. Cf. D'ALEMBERT, & DIDEROT, *Enciclopédia*, vol. 5, org. Maria das Graças de Souza e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Unesp, 2015, pp. 323 – 329.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.2	Dezembro 2016	pp. 150-156
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	-------------

*desses homens extraordinários [em nota: Senhor Voltaire, por exemplo] que honra esse século e que por conhecer o gênio, não precisaria fazer nada mais do que olhar para si mesmo*⁴.”

A estratégia utilizada por Voltaire no momento da escrita do texto é bastante característica. Trata-se de um texto prático e pouco especulativo. Diderot e Rousseau, por exemplo, parecem dar definições tortuosas para o termo ‘gênio’. Para o primeiro, o gênio deve ter algo de bruto, de enorme e selvagem, enquanto que para o segundo, o gênio se manifesta por meio do sotaque, do acento da fala. Mas, o leitor poderia se perguntar mesmo depois dessas definições, o que é o gênio? Voltaire, por sua vez, mostra sua erudição, além de seu amplo conhecimento de história no momento de sua definição. Desse modo, ele define a palavra com um tratamento filológico em uma abordagem histórica; começa falando do *daimon* entre os gregos, passando para o *ingenium* entre os romanos, até chegar na acepção usada em sua época. É interessante notar que Voltaire sugere, em carta a d’Alembert, justamente que este último e Diderot proponham para os colaboradores da *Enciclopédia* que dessem informações claras, objetivas, etimológicas, sem se perderem em abstrações⁵.

Tendo isso dito, dado a ausência desse verbete na tradução em português do *Dicionário filosófico*, e levando em conta a importância desse tema para a Filosofia das Luzes, parece-nos relevante propor em língua portuguesa a tradução desse texto, a fim de complementar a bibliografia em língua nacional sobre esse tema. Além disso, como já disse Saint-Lambert, não deixa de ser emblemático ler de um autor reconhecidamente genial o seu alvitre sobre o que é, de fato, o gênio.

⁴ VOLTAIRE, *Questions sur l’Encyclopédie*, org. Nicholas Cronk e Christiane Mervaud, vol. 42a, Oxford: Voltaire Foundation, 2011, p. 55, nota introdutória.

⁵ Cf. WILSON, A. *Growing tension with Rousseau: ‘only the bad man lives alone’*. in: Diderot: the testing years, Nova York: Oxford University Press, 1957, pp. 247-259. Voltaire diz, por exemplo, em uma carta a d’Alembert: “I am also sorry that people write dissertations and give private opinions for established truths. I should like definition and the origin of the word, with examples, everywhere.” (p. 253).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.2	Dezembro 2016	pp. 150-156
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	-------------

*Gênio***Seção I**

Gênio, *daimon*⁶; já discutido no verbete *Anjo*. Não é fácil saber exatamente se *os peris* dos persas foram inventados antes dos demônios dos gregos, mas isso é bem provável⁷.

Pode ser que as almas dos mortos, chamadas *sombras*, *espíritos* tenham sido tomados por *daimon*. Hércules, em Hesíodo, diz que um *daimon* ordenou seus trabalhos⁸.

O *daimon* ou demônio de Sócrates tinha tão boa reputação que Apuleio, o autor de *O Asno de ouro*⁹, que era, além disso, um ótimo mago, diz no seu *Tratado sobre o gênio de Sócrates*, que é preciso não ter *religião para negar sua existência*¹⁰. Vê-se que Apuleio raciocinava precisamente como o irmão Garasse e o irmão Berthier¹¹. Você não crê naquilo que eu creio; você é, portanto, sem religião. E os jansenistas disseram o mesmo sobre o irmão Berthier enquanto o resto do mundo de nada sabe. Esses demônios, diz o muito religioso e muito obscuro Apuleio, são forças intermediárias entre o éter e a nossa baixa região. Eles vivem em nossa atmosfera e levam nossas orações e méritos aos deuses. Eles trazem ajuda e benefícios, como intérpretes e embaixadores. É por seu ministério, como diz Platão, que se operam as revelações, os presságios e os milagres dos mágicos.

⁶ O termo aparece em grego na edição original francesa; optamos por deixar como tal. ‘Daimon’ diz respeito a um demônio conforme este é entendido pela antiguidade grega. Trata-se de um espírito, bom ou mal, que inspira ou agita os seres humanos.

⁷ Na mitologia persa e armênia, os *peris* eram espíritos peculiares em formato de fadas aladas que estavam classificados entre os anjos e os espíritos maus. Algumas vezes eles aparecem entre os mortais. Antes do advento do islamismo, eles eram responsáveis por eventos naturais, como eclipses solares, cometas e colheitas. Com o desenvolvimento daquela religião, os *peris* passaram a ser vistos como anjos caídos que representavam a transgressão, para serem mais tarde levados ao paraíso. No zoroastrismo, os *peris* são pensados como representantes da luz e das boas forças da natureza. Voltaire desenvolve esse sujeito tanto no verbete *Anjo* das *Questões sobre a Enciclopédia* e do *Dicionário Filosófico*, quanto em *A filosofia da história*.

⁸ Cf. verso 94 do texto de Hesíodo (2000, p. 193). Jaa Torrano, em sua tradução, opta pela palavra ‘numes’ para traduzir ‘daimon’. (HESÍODO, *Escudo de Heracles*; in: Revista Hypnos, (Ano 5, No. 6, 2000), pp. 185-221).

⁹ Lúcio Apuleio Saturnino (125 – 180) foi um tribuno da plebe na Roma antiga. No século II, ele escreve *O asno de ouro*, um romance composto de narrativas burlescas e fantásticas de um homem que é transformado em asno. Séculos mais tarde, Boccaccio, Cervantes e Fielding fizeram livres adaptações dessa obra.

¹⁰ Grifo do autor

¹¹ Alvos favoritos da crítica de Voltaire, François Garasse (1585-1631), foi um jesuíta francês que ficou conhecido por seus ataques e sua luta contra os chamados Libertinos Eruditos, sobretudo Théophile de Viau, sobre o qual escreve *La doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou prétendus tels* (A curiosa doutrina dos bons espíritos desse tempo, ou que se pretendem como tal), de 1623. Guillaume François Berthier (1704-1782), também jesuíta francês, foi o diretor das *Mémoires de Trévoux*, um alvo de zombarias de Voltaire. Em 1760, Voltaire escreve um texto intitulado *De la maladie, de la confession, de la mort, et de l'apparition du jésuite Berthier*, (Da doença, da confissão, da morte e da aparição do jesuíta Berthier) seguido de *La voyage de frère Garassise, neveu du frère Garasse, successeur de frère Berthier; et ce qui s'ensuit, en attendant ce qui s'ensuivra* (A viagem do irmão Garassise, sobrinho do irmão Garasse, sucessor do irmão Berthier, o que seguiu e o que seguirá).

De resto, há certas potências intermediárias que habitam esse intervalo aéreo que está entre o céu e a terra; por meio deles, nossos votos e nossas boas ações chegam até os deuses. Essas potências nomeadas demônios pelos gregos, que estão entre os habitantes da terra e dos céus, levam nossas preces e súplicas, e trazem socorro e benfeitorias, como uma espécie de intérpretes e de embaixadores entre os homens e os deuses; é por meio do seu ministério, como diz Platão em seu Banquete, que são transmitidas todas as revelações e os presságios, de qualquer natureza que possam ser, assim como os diversos milagres que fazem os mágicos¹².

Santo Agostinho dignou-se a refutar Apuleio, seguem aqui suas palavras:

Da mesma forma, não podemos afirmar corretamente que os demônios não são nem mortais nem eternos. Realmente, todos os viventes, ou vivem eternamente ou terminam sua vida com a morte. Mas já se disse que os demônios, quanto ao tempo, são eternos. Que resta, então, senão que estes intermediários possuem uma coisa das duas características superiores e uma coisa das duas inferiores? De fato, se eles tivessem as duas superiores ou as duas inferiores, já não seriam intermediários, mas subiriam ou desciriam para uma das duas partes. Mas como não podem carecer, como ficou demonstrado, de uma e de outra, terão que mediar tomando de cada parte uma propriedade. Ora, como não podem ter a eternidade dos mais baixos, pois estes não a têm, – recebem-na do alto; e assim, para cumprirem a mediação, só lhes resta tomarem dos de mais baixo a desgraça¹³.

Eis um raciocínio ridículo¹⁴.

Como eu nunca vi gênios, demônios, peris ou duendes, sejam eles benfazejos ou maléficos, eu não posso falar com conhecimento de causa, e assim me reporto aos que os viram.

Entre os romanos, ninguém utilizava a palavra ‘*genius*’ para exprimir, como fazemos, um talento raro; a palavra era ‘*ingenium*’. Nós empregamos indistintamente a palavra *gênio* quando falamos do demônio que tinha uma vila da antiguidade sob sua guarda, de um maquinista¹⁵ ou de um músico.

O termo ‘*gênio*’ parece dever designar não indistintamente grandes talentos, mas aqueles entre os quais há invenção. É sobretudo esse caráter inventivo que parecia um dom dos deuses, esse *ingenium quasi ingentum*, uma espécie de inspiração divina. Ora, um artista, não importa quão perfeito ele seja em seu gênero, se não tem invenção, se ele não é de algum modo original, ele não será, de modo algum,

¹² Apuleio, Tratado sobre o Gênio de Sócrates. No texto original, essa citação do texto de Apuleio aparece em latim. A presente tradução, porém, foi feita a partir da edição francesa. Cf. APULÉE, *Le démon de Socrate*, p. 444, in: *Voyages imaginaires, songes, visions, et romans cabalistiques*. Trad. l'Abbé Compain de Saint-Martin. Tome 33. Amsterdam e Paris: 1788. pp 435-469.

¹³ Estamos citando aqui a seguinte tradução para o português: AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, vol. II, trad. J. Dias Pereira, Lisboa: Calouste, 2000. p. 849-850.

¹⁴ A expressão original é “*C'est puissamment raisonner*”; no Século das Luzes, ela tem uma acepção irônica e indica um raciocínio ridículo. Voltaire usa a mesma expressão no *Dicionário filosófico*, no verbete *Platão*.

¹⁵ A palavra ‘maquinista’ se refere nesse texto à pessoa que constrói máquinas a fim de aumentar a força humana ou mecanismos utilizados no teatro para proporcionar voos ou movimentos surpreendentes.

considerado gênio; ele parecerá ter sido inspirado apenas pelos artistas seus predecessores, ainda que ele o supere¹⁶.

É possível que inúmeras pessoas joguem xadrez melhor do que o inventor desse jogo, e que eles ganhassem dele os grãos de trigo que o rei das Índias quisesse lhe dar¹⁷. Mas esse inventor era um gênio e aqueles que ganharam dele podem não o ser. Poussin, que já era um grande pintor antes de ter visto bons quadros, tinha o gênio da pintura. Lulli, que não viu nenhum bom músico na França, tinha o gênio da música.

O que vale mais: possuir o gênio de sua arte sem ter tido um mestre ou atingir a perfeição imitando e superando seus mestres?

Caso você faça essa pergunta aos artistas, eles possivelmente ficarão divididos; se você a faz ao público, ele não hesitará. Você gosta mais de uma bela tapeçaria de Gobelins do que uma tapeçaria feita em Flandres no início dessa arte¹⁸? Você prefere as modernas obras-primas em estampas às primeiras gravuras em madeira? A música de hoje às primeiras árias que se pareciam com o canto gregoriano? A artilharia de hoje ao gênio que inventou os primeiros canhões? Todo mundo lhe responderá sim. Todos os compradores dirão: eu acredito que o inventor da lançadeira¹⁹ tinha mais gênio do que o fabricante que fez o meu lençol, mas este meu lençol vale mais do que aquele do inventor.

Enfim, cada um opinará, por pouco que tenhamos de consciência, que respeitamos os gênios que deram início às artes, e que os espíritos que as aperfeiçoaram são mais úteis a nós.

Seção II

O verbete *Gênio* foi tratado no grande Dicionário por homens que o tinham²⁰. Ousaremos dizer apenas poucas coisas depois deles.

Tendo antigamente cada cidade e cada homem o seu gênio, imaginava-se que os realizadores de coisas extraordinárias eram inspirados por esse gênio. As nove musas eram nove gênios que se fazia necessário invocar. É por isso que Ovídio diz: “Há um deus em nós, é ele que nos inspira²¹.”

¹⁶ Essa discussão aparece também em *Réflexions critique sur la poésie et la peinture*, texto de 1719 do Abade Dubos.

¹⁷ Voltaire faz referência à lenda do rei Belkib e do brâmane Sissa, inventor do jogo de xadrez. Como recompensa pela invenção do jogo, Sissa pede ao rei um grão de trigo pela primeira casa do tabuleiro, dois para a segunda, três para a terceira e assim por diante. A lenda diz que as riquezas do rei não foram suficientes para pagar o que Sissa requisitou.

¹⁸ As tapeçarias de Gobelins são produções francesas, originadas em meados do século XV em Paris como tinturaria, tornando-se de fato, uma tapeçaria no século XVII. As produções ficaram famosas sobretudo pela qualidade das composições e dos tecidos altamente ilustrados. Hoje, a fábrica é propriedade do Estado francês. No início do século XIV, quando as tapeçarias começaram a ser difundidas pela Europa, grandes carregamentos viam de Flandres e abasteciam uma grande clientela francesa.

¹⁹ Instrumento utilizado para tecer que passa os fios de uma trama entre os fios de uma cadeia.

²⁰ Trata-se aqui da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, dirigida por Diderot e d’Alembert. Existe aí mais de um verbete *Gênio*, como mencionamos na apresentação.

Mas no fundo seria o gênio outra coisa que não o talento? O que é o talento, senão a disposição para ser bem-sucedido em uma arte? Por que dizemos o gênio de uma língua? É que cada língua, por suas terminações, por seus artigos, seus participios, suas palavras mais ou menos longas, terá necessariamente propriedades que outras línguas não terão. O gênio da língua francesa é mais bem feito para a conversação, porque seu ritmo necessariamente simples e regular não incomodará jamais o espírito. O grego e o latim terão mais variedade. Já notamos em outra passagem que podemos dizer “Teófilo tomou conta dos assuntos de César” somente dessa única maneira ²²; mas em grego e em latim, podemos transportar as cinco palavras que compõem essa frase em cento e vinte maneiras diferentes, sem mudar em nada o sentido.

O estilo lapidário será maior no gênio da língua latina do que naquele da francesa ou da alemã.

Chamamos *gênio de uma nação* o caráter, os costumes, os talentos principais, mesmo os vícios, que distinguem um povo do outro. Basta ver os franceses, espanhóis e ingleses para sentir essa diferença.

Dissemos que o gênio particular de um homem nas artes não é outra coisa senão o seu talento, mas damos esse nome apenas a um talento muito superior. Quantas pessoas tiveram algum talento para a poesia, para a música, para a pintura? Contudo, seria ridículo chamá-los gênios.

O gênio conduzido pelo gosto não cometerá jamais faltas grosseiras: deste modo Racine, depois de Andromaque, Poussin, Rameau, jamais as cometeram.

O gênio sem gosto cometerá faltas enormes. E o que é pior: ele não o saberá.

Bibliografia

AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, vol. II, trad. J. Dias Pereira, Lisboa: Calouste, 2000. p. 849-850.

APULÉE, *Le démon de Socrate*, p. 444, in: *Voyages imaginaires, songes, visions, et romans cabalistiques*. Trad. l'Abbé Compain de Saint-Martin. Tome 33. Amsterdam e Paris: 1788. pp 435-469.

D'ALEMBERT, & DIDEROT, *Encyclopédia*, vol. 5, org. Maria das Graças de Souza e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Unesp, 2015, pp. 323 – 329.

HESÍODO, *Escudo de Heracles*; in: *Revista Hypnos*, (Ano 5, No. 6, 2000), pp. 185-221).

VOLTAIRE, *Dicionário filosófico*, trad. Libero Rangel del Tarso, Rio de Janeiro: Ediouro, 1993. 210 p.;

VOLTAIRE, *Dicionário filosófico*, in: *Pensadores: Voltaire*, trad. Marilena Chauí, Bruno da Ponte e João Lopes Alves, São Paulo: Abril Cultural, 1978. 328p.

VOLTAIRE, *Questions sur l'Encyclopédie*, org. Nicholas Cronk e Christiane Mervaud, vol. 42a, Oxford: Voltaire Foundation, 2011, pp. 55-61.

VOLTAIRE, *Questions sur l'Encyclopédie*, org. Nicholas Cronk e Christiane Mervaud, vol. 42a, Oxford: Voltaire Foundation, 2011, p. 55, nota introdutória.

²¹ “*Et deus in nobis, agitante calescimus illo*” (Fastos, VI, 5)

²² A referência é ao verbete *François ou Français*, escrito por Voltaire para a *Encyclopédia*. A citação que aparece lá, porém, é um pouco diferente: “Plancus tomou conta dos assuntos de César.”

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.9 – Nº.2	Dezembro 2016	pp. 150-156
-----------------	-------------------	--------------	--------------	------------------	-------------

WILSON, A. *Growing tension with Rousseau: 'only the bad man lives alone'*. in: Diderot: the testing years, Nova York: Oxford University Press, 1957, pp. 247-259.

Recebido em: 02 de novembro de 2016.

Aprovado para publicação em: 14 de novembro de 2016.